

Despedida a uma paisagem¹

Regina Przybycien

Tradução e nota

Não reprovó a primavera
por começar de novo.
Não a culpo
por cumprir a cada ano
a sua obrigação.

Sei que minha tristeza
não deterá o verde.
A folha da relva, se oscila,
é só por causa do vento.

Não me causa sofrimento saber
que os ramos dos amieiros sobre as águas
têm de novo com que sussurrar.

Reconheço
que a margem de certo lago
-- como se você ainda vivesse --
continua bela como era.

Não guardo rancor
da visão da vista
da baía resplandecente de sol.

Consigo até imaginar
uns outros, não nós,
sentados neste instante
no tronco de bétula caído.

Respeito o seu direito
ao sussurro, ao riso
e a um silêncio feliz.

Suponho inclusive
que os una o amor
e que ele a enlace
com um braço vivo.

Algo novo passarinhável
farfalha na folhagem.
Desejo sinceramente
que o escutem.

Nenhuma mudança exijo
das ondas costeiras,
ora ágeis, ora indolentes
e não obedientes a mim.

Não reclamo nada
das profundezas junto ao bosque,
ora cor de esmeralda,

ora de safira,
ora negras.

Só uma coisa não aceito.
A minha volta para lá.
O privilégio da presença –
renuncio a ele.

Sobrevivi a você só o quanto
e somente tanto
para pensar de longe.

SZYMBORSKA, Wisława. “Pożegnanie widoku”. Wierze wybrane. Kraków, Wydawnictwo a5, 2010, p.306-307. Tradução (iné dita) de Regina Przybycien.

Pożegnanie widoku

Nie mam żalu do wiosny,
że znowu nastąpiła.
Nie obwiniam jej o to,
że spełnia jak co roku
swoje obowiązki.

Rozumiem, że mój smutek
nie wstrzyma zieleni.
Źdźbło, jeśli się zawaha,
to tylko na wietrze.

Nie sprawia mu to bólu,
że kępy olch nad wodami
znowu mają czym szumieć.

Przyjmuję do wiadomości,
że – tak jakbyś żył jeszcze –
brzeg pewnego jeziora
pozostał piękny jak był.

Nie mam urazy
do widoku o widok
na olśnioną słońcem zatokę.

Potrafię sobie nawet wyobrazić,
że jacyś nie my
siedzą w tej chwili
na obalonym pniu brzozy.

Szanuję ich prawo
do szeptu, śmiechu
i szczęśliwego milczenia.

Zakładam nawet,
że łączy ich miłość
i że on obejmuje ją
żywym ramieniem.

Coś nowego ptasiego
szeleści w szuwarach.
Szczерze im życzę,
żeby usłyszeli.

Żadnej zmiany nie żądam
od przybrzeżnych fal,
to zwinnych, to leniwych
i nie mnie posłusznych.

Niczego nie wymagam
od toni pod lasem,
raz szmaragdowej,
raz szafirowej,
raz czarnej.

Na jedno się nie godzę.
Na swój powrót tam.
Przywilej obecności –
rezygnuję z niego.

Na tyle Cię przeżyłam

I tylko na tyle,
żeby myśleć z daleka.

Os poemas de Wisława Szymborska revelam uma observação atenta do mundo em suas diversas formas e manifestações, que vão do micro ao macrocosmo. Poucos expressam diretamente os sentimentos íntimos do eu lírico e uma quantidade ainda menor tem cunho autobiográfico. Estes últimos são construídos de maneira tão indireta que somente quem conhece a biografia da poeta pode associá-los a episódios de sua vida.

Sabe-se que Szymborska teve um relacionamento de mais de vinte anos com o escritor Kornel Filipowicz (1913-1990). Embora nunca tenham vivido na mesma casa, falavam-se diariamente e tinham uma afeição profunda um pelo outro. Filipowicz adorava a vida ao ar livre e nas férias saía para acampar em recantos onde a natureza havia sido pouco modificada pela ação humana. Szymborska o acompanhava, a princípio um pouco deslocada e depois participando com prazer dessas excursões que envolviam passeios de caiaque, pescarias e longas caminhadas. Após a morte de Filipowicz, a poeta nunca mais voltou aos lugares onde acampavam. O poema “Despedida a uma paisagem” é uma elegia para o grande amor da vida da poeta.

Regina Przybycien é professora aposentada de literaturas de expressão inglesa e literatura comparada da Universidade Federal do Paraná e tradutora de Wisława Szymborska, de quem publicou as coletâneas *Poemas* (2011) e *Um amor feliz* (2016), ambas pela Companhia das Letras.

NOTA

¹ Um agradecimento à Fundação Wisława Szymborska pela cedência gratuita dos direitos para a tradução deste poema e publicação neste volume da revista *eLyra*.